



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA  
AFRO-BRASILEIRA  
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS  
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS**

**Vera Lúcia Fernandes Carlos**

**O Estigma da Hanseníase e a política de confinamento**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de graduação.

Prof. Orientador/ Doutor : Robério Américo do Carmo Souza

Redenção/CE 2014

VERA LÚCIA FERNANDES CARLOS

O ESTIGMA DA HANSENÍASE E A POLÍTICA DE CONFINAMENTO

.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de graduação.

Redenção

2014

**Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira**

**Direção de Sistema Integrado de Bibliotecas da Unilab (DSIBIUNI)  
Biblioteca Setorial Campus Liberdade  
Catalogação na fonte**

**Bibliotecário: Gleydson Rodrigues Santos CRB-3 / 1219**

---

C28e Carlos, Vera Lúcia Fernandes.

O estigma da Hanseníase e a política de confinamento. / Vera Lúcia Fernandes Carlos. – Redenção, 2014.

61 f.: il.; 30 cm.

Monografia do curso do Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidade e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB.

Orientador: Prof. Dr. Robério Américo do Carmo Souza.  
Inclui Figuras e Referências.

1. Hanseníase. 2. Hanseníase – Centro de convivência Antônio Diogo. I. Título

CDD 616.998

---

VERA LÚCIA FERNANDES CARLOS

O ESTIGMA DA HANSENÍASE E A POLÍTICA DE CONFINAMENTO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de Bacharelado Interdisciplinar de Ciências  
Humanas da Universidade da Integração  
Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como  
parte dos requisitos para a obtenção do título de  
graduação.

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

---

Prof.Dr.Robério Américo do Carmo Souza (Orientador)  
UNILAB

---

Prof. Dr. Maurílio Machado Lima Júnior (Examinador)  
UNILAB

---

Prof.Dr. Leandro de Proença Lopes (Examinador)  
UNILAB

Redenção/CE  
2014

Dedico este trabalho a todas as pessoas que sofreram o isolamento compulsório e as crianças separadas de seus pais.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus pelas vezes que ouviu e atendeu meus apelos. Apesar de desejar muito estar na Universidade, as dificuldades eram tantas, que algumas vezes pensei em desistir. Nestes momentos de angústias e fraqueza, era Deus o meu auxílio e minha fortaleza. Todas as noites no percurso de casa até a Universidade eu ia sempre meditando e agradecendo por mais um dia. E hoje renovo meus agradecimentos. Obrigada meu Deus por tudo e por mais um dia.

Aos meus Professores Doutores da Unilab (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira), pelo trabalho desempenhado desde o início da minha vida acadêmica. Neste universo acadêmico sempre fui bem acolhida por todos os discentes, mesmo no início quando meus trabalhos eram produzidos todos manuais, pois, o mundo digital era meu desconhecido.

Ao Professor Doutor, coordenador de curso, e também examinador do meu trabalho de conclusão da graduação, Maurílio Machado Lima Junior. Sempre disposto a ajudar, me causou uma admiração logo de início. Quando precisei refazer minha matrícula, ele me chamou pelo nome. Como era possível? Logo fiquei sabendo que era uma característica dele, pois conhecia todos pelo nome.

O Professor Doutor, Orientador, Ricardo Arruda de Paula, pelo esforço e dedicação na construção do pré-projeto até o TCC II (trabalho de conclusão de curso). Ou seja, até o projeto. Foram momentos difíceis, apesar dos encontros constantes, do empenho dele, as minhas deficiências acadêmicas, apareciam com frequência. Um dia falei: a minha vontade é maior que minha capacidade de assimilar o que exige, mas vou conseguir. Então, sou muito grata.

Ao Professor Doutor, Sebastião André Filho. Além de grande professor me ensinou ser uma pessoa crítica. É uma pessoa humana, com ações voltadas para o social. A iniciativa de trazer sempre baseados em fatos reais, faz dele um grande resistente no combate a desigualdade social.

Ao meu Orientador no TCCIII (trabalho de conclusão de curso três) Robério Américo do Carmo Souza, quem eu admiro e tenho gratidão. O Professor Américo foi mais que um orientador. Representou tranquilidade, compatibilidade de ideias e a certeza de um trabalho finalizado com sucesso. Esta certeza era por que já fui sua aluna. Quando o convidei para ser meu orientador, ele respondeu que precisava ver meu trabalho para saber se podíamos trabalhar juntos. Fiquei tão eufórica, que disse logo, professor estou muito feliz, essa foi a melhor notícia de hoje! Então, tranquilamente respondeu: Vera, você não entendeu minha resposta. Vou analisar primeiro seu trabalho. Quando recebi a confirmação que seria meu orientador nesta reta final, só Deus sabe o tamanho da minha alegria.

Ao meu esposo, Raimundo Pinheiro de Lima, pelo apoio e a compreensão. Foram dias e noites, estudando, e ele às vezes comentava que eu dormia e acordava com o TCC na cabeça. Apesar deste comentário, sempre apoiou. Enquanto eu estudava, ele ficava em casa com o Diogo, outras vezes pegava o menino na Unilab.

Aos meus filhos, Keylliane Fernandes de Lima, que me ajudou, incentivou cada vez que eu falava em desistir. A Keylliane Fernandes de Lima, também aluna da Unilab, quando meu orientador falava, eu decorava até as palavras, mas, não entendia. Sempre repassava pra ela as minhas dificuldades. Sem dúvida, meus primeiros passos no mundo acadêmico, foram pegos pelas mãos dela. O Diogo Kennedy Fernandes de Lima, com apenas seis anos entende, compreende que preciso estudar.

Aos meus amigos de trabalho, pela compreensão e motivação. A Secretaria de Saúde de Redenção, na pessoa da Coordenadora do Centro de Especialização Odontológico, Neli Paulino. Foi por meio dessa pessoa, que consegui uma licença premia do trabalho, o que me possibilitou tempo para fazer concluir esse trabalho.

Aos moradores e ex-moradores do *Centro de Convivência Antônio Diogo*, os representantes do núcleo do MORHAN, sem eles o meu trabalho não seria possível. De forma geral a todos que diretamente ou indiretamente contribuíram comigo.



## RESUMO

Nesta monografia vou tentar descobrir a origem do estigma da hanseníase no Centro de convivência Antônio Diogo. A hanseníase é uma doença causada pelo mico *bacterium leprae*, descoberto por *Amauer Gerhard Henrik Hansen*, em 1873. Trata-se de uma patologia infectocontagiosa de evolução prolongada e quando não é identificada e tratada pode causar deformidade física. A hanseníase legitimou a exclusão de pessoas em todas as partes do mundo. Causando medo na população, sendo associada a castigo e ao sobrenatural. No Ceará foi igualmente, discriminatório e excludente. Como a Ciência demorava em encontrar o tratamento e a cura, o Estado procurou afastar da sociedade todos os morféuticos, provocando estigma e preconceito. Na Bíblia Sagrada, antigo testamento em Levítico, descreve-se que o sacerdote ficara responsável por diagnosticar os doentes e afastá-los do resto da comunidade. Duas Leis no Brasil relacionadas a doença foram criadas em perspectivas distintas. A primeira, Lei Federal nº 610/1949, que justificava isolamento compulsório. Em 1981, foi fundado o MORHAN (Movimento de Reintegração de Pessoas Atingidas pela Hanseníase), que através dos movimentos sociais conseguiram a aprovação da Lei Federal nº 11.520/2007, que dispõe pensão vitalícia para os adultos que sofreram isolamento compulsório.

**Palavras-chave:** 1.Hanseníase; 2. Preconceito; 3. Estigma; 4.medo.

## SUMÁRIO

### INTRODUÇÃO

#### **I- CAPÍTULO: A Hanseníase e o Preconceito: do Judaísmo-Cristão até o século XIX..... 16**

1.1 Históricos gerais: Judaísmo-cristão/ Grego/ primitivo/ moderno/ Antigo ..... 16

1.2 A HANSENÍASE NO BRASIL E NO CEARÁ ..... 25

#### **II-CAPÍTULO: MORHAN (Movimento de reintegração das pessoas acometidas pela**

**hanseníase.....34**

2.1 Levantamentos históricos do MORHAN ..... 34

2.2 ENTREVISTAS COM AGENTES E DOENTES ATENDIDOS PELO MORHAN ..... 41

**CONCLUSÃO ..... Erro! Indicador não definido.**

**FONTES ORAIS ..... 53**

**REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA..... 54**

## INTRODUÇÃO

Quando eu iniciei o TCCI (trabalho de conclusão de curso), ou seja, o pré-projeto, não tinha certeza exatamente o que pretendi defender, tanto é que iniciei vários trabalhos. A trilha traçada por este TCC começou com análises de outros temas. O meu primeiro foco foi à importância de uma alimentação adequada na infância para ser um adulto saudável. Segunda tentativa, qual o impacto da Unilab (Universidade da integração Internacional da Integração Afro-Brasileira) Para os moradores de Redenção. Meu orientador, Professor Doutor Ricardo Arruda de Paula, e eu achamos o tema relevante, mas, não daríamos conta do tema, por ser um tema muito abrangente e não haver material disponível. Terceira tentativa, Os acidentes causados por motos em Redenção. Fiz coletas de dados e novamente surgiram empecilhos.

A quarta e última tentativa foi falar sobre a origem estigma da Hanseníase no Centro de Convivência Antônio Diogo. Este leprosário ainda é habitado por antigos portadores de hanseníase. A estrutura física é do tipo colonial e está localizada a 60 km de Fortaleza no Ceará. Finalmente me interessei piamente em saber por que uma doença tão antiga estava voltando, e Redenção estava incluída neste aumento de casos. Logo pude perceber que além de novos casos, tinha também recidivas da doença. A partir desse fato, iniciei as primeiras pesquisas. O meu contato com os moradores do centro de Convivência Antônio Diogo, aumentou significativamente à vontade em realizar a pesquisa. A minha vontade de trabalhar este tema assustou algumas pessoas que tem muito medo da doença e de adentrar no centro de convivência. O preconceito aliado ao estigma que se criou, em torno da doença ainda existe no meio social. Percebi a necessidade de ajudar no combate deste preconceito. Apesar dos muros terem sido derrubados, as barreiras sociais continuam de pé.

Agora no TCC III (trabalho de conclusão de curso finalizado), resultado final do projeto está com um novo Orientador, o Professor Doutor Robério Américo do Carmo Souza. Nesta nova fase estamos dando continuidade ao trabalho, mas com outra roupagem. O segundo capítulo foi uma sugestão do meu atual orientador, o foco é o MORHAN (Movimento de reintegração das pessoas atingidas pela Hanseníase). O preconceito e o estigma continuam excluindo. A curiosidade de conhecer o MORHAN com mais afinco foi ainda maior quando descobri a origem do idealizador do movimento. Um homem que conheceu a dor e o preconceito desde criança. À medida que a pesquisa caminhava se configurava cada vez mais a certeza da relevância deste trabalho, e do dever de ser mais uma pessoa no combate a discriminação e o preconceito desta doença.

São notáveis que algumas pessoas vivem um mundo interior fechado às novas mudanças, e ao mesmo tempo, reproduzindo pensamentos preconceituosos, gerando de certa forma um desequilíbrio estrutural. O medo vinculado a compreensão do senso comum da doença faz com que muitas pessoas que apresentam seus sintomas não procurem ajuda médica

O presente trabalho busca debater qual a origem do estigma da hanseníase no Centro de Convivência Antônio Diogo, gerador de tanto preconceito. Nesta perspectiva, busco um olhar acadêmico para o preconceito sofrido pelos portadores de hanseníase em Redenção e o trabalho do MORHAN na luta contra esse mesmo preconceito. No decorrer de uma história construída por mitos e contradições, a hanseníase fez de seus portadores pessoas excluídas. Para corrigir o pensamento místico surge o pensamento científico, para distinguir o real do imaginário. Os filósofos Bacon, Descartes, Newton e outros tentam mostrar a separação entre ciência e o mundo irreal.

...com Bacon, Descartes, Newton e os outros tornaram-se necessário à ciência levanta-se afirmar-se contra as velha segregações de pensamento místico e mito,

e pensou - se então que a ciência só podia existir se voltasse costas ao mundo dos sentidos, o mundo que vemos , cheiramos, saboreamos e perca o passo que o mundo real seria um mundo de propriedades matemáticas que só podem ser descobertas pelo intelecto e que estão em contradição total com o testemunho dos sentidos<sup>1</sup>.

Pretendo trazer a história da uma doença que o mundo todo conhece, mas que continua sendo negligenciada. Por esse fato é que ainda nos dias atuais continua causando, estigmas e aumentando a discriminação social. O estigma em relação à hanseníase não é algo novo. Desde seus primeiros registros no Ocidente, a hanseníase é vinculada a um estigma de castigo e seus portadores tratados com preconceito. A tradição judaico-cristã, uma das bases da cultura ocidental, vinculava a doença à desobediência a lei divina. A reprodução desse medo é precedente da disseminação de terrores a respeito da lepra. Os primeiros relatos da doença são observados no antigo testamento, em Levítico. Os hansenianos eram obrigados a apresentarem provas contra eles mesmos, isto é, usavam simbologias para diferenciar do restante da população.

Se o sacerdote, examinando-o, observar que o tumor da chaga, sobre a parte posterior ou anterior da cabeça, é branco-avermelhado, revestindo-se do aspecto da lepra sobre a pele do corpo, esse indivíduo é leproso, é impuro; O sacerdote o declarará impuro, a sua cabeça é a sede da chaga. E o leproso cuja chaga foi verificada, deve rasgar as roupas, ter a cabeça descoberta, embrulhar-se até a barba e gritar: Impuro!... Impuro!... Enquanto observar a chaga, será impuro, habitará isoladamente e a sua residência será fora do acampamento<sup>2</sup>.

A partir de uma breve leitura das escrituras mencionadas a seguir, observei uma variação de ideias relacionadas a lepra. Constata-se no novo testamento a doença ligada à palavra demônio, aparece como sendo espírito. As escrituras dos apóstolos, Mateus e Lucas ambas falam

---

<sup>1</sup> STRAUSS, Clauve Lévi. Mitos e Significados. Coletivo Sabotagem., 1978. Os filósofos fazem uma definição entre a ciência e o mundo real. p,10

<sup>2</sup> Bíblia Sagrada antigo testamento Levítico cap13, 43-46. Citação direta.

das doenças e da morte, afirmando que existem espíritos que são do bem e outros que são do mal. Os espíritos que se manifestam nos homens provocando tormento, são os espíritos impuros<sup>3</sup>.

O Brasil de hoje continua sendo um País com grande prevalência de hanseníase. Diferente do passado, a doença de HANSEN tem um diagnóstico preciso; o tratamento é totalmente gratuito e mesmo assim continua surgindo novos casos. De acordo com Artur Custodio, coordenador do MORHAN nacional, o Brasil está em segundo lugar no mundo nos casos de Hanseníase, só perde para o Japão. Ele associa à prevalência do aumento de casos a negligência do Estado com a saúde pública. Se gasta mais com a AIDS, câncer e dengue, do que com a Hanseníase, não que essas doenças sejam menos relevantes.

O Brasil lidera o ranking mundial de prevalência e se configura como sendo o segundo País com mais pessoas vivendo com a doença, em números brutos. Segundo dados mais recentes do ministério da saúde, somente em 2012 foram registrados 33 mil novos casos. [...] A ausência de políticas públicas direcionadas se transformam em nosso principal desafio, levando a humilhação e isolamento dos pacientes, afastando casos suspeitos dos diagnósticos e do tratamento imediato e deslocando investimentos públicos para outros temas mais populares, como a AIDS, o câncer, ou a dengue<sup>4</sup>.

Será neste contexto de buscar as respostas no passado que pretendo pesquisar a construção social da hanseníase. Com este trabalho pretendo ainda construir um pensamento acadêmico. Recontando os equívocos cometidos no passado, tenho o intuito de contribuir com a nova geração, para que sejam livres de preconceito, estigma e a exclusão social. Para elaborar o trabalho vou contar com o apoio dos moradores do centro de convivência Antônio Diogo. No livro,

---

<sup>3</sup> Bíblia sagrada novo testamento. Após uma leitura breve das escrituras dos apóstolos, Mateus e Lucas, fiz este comentário. Citação indireta.

<sup>4</sup> GONÇALVES, Lêda. **Estigmas da dor**. Diário do Nordeste, 19 de agosto 2013

*Uma enfermidade à flor da pele*, a pesquisadora Zilda Lima Menezes, apresenta a história da hanseníase desde o Brasil colônia. Falar da hanseníase é também falar da história do Brasil colônia. Segundo Zilda Lima, a doença entrou no Brasil através dos colonizadores. Em busca de riquezas, invadiram o país. Por conta das terras fartas, os colonizadores usaram a mão de obra escrava para fazer o trabalho forçado. A vinda da família real para o Brasil deu início aos primeiros trabalhos da construção do leprosário em caráter de emergência no Rio de Janeiro.

Data de 1697 a primeira tentativa sem êxito de fundar no Rio de Janeiro um lazareto. O Rei de Portugal, D. Pedro II, o Pacífico, terminou por inviabilizar a construção do hospital ao responsabilizar a câmara Municipal para prover o custeio do estabelecimento, o que foi prontamente recusado. Em 1741, D. João V autorizou edificar na cidade do Rio de Janeiro um lazareto, através da carta Régia de 03/02/1741. Este teria sido construído em caráter emergencial num lugar denominado Colônia de São Cristóvão e inaugurado em 07/08/194<sup>5</sup>.

O modo de pensar do senso comum vai mostrar que a hanseníase passou por varias interpretações, a começar como uma doença maligna, até chegar à construção de todos os estigmas. Após muitos anos de sofrimento e dor, as pessoas com hanseníase começaram a sentir seus direitos respeitados, é o que mostra o MORHAN. Esse movimento (MORHAN) foi criado, por um hanseniano, Francisco Augusto Vieira Nunes, o Bacurau. Por falta de tratamento para a doença, a alternativa que existia era trancar os debilitados. As crianças eram retiradas de seus familiares e levadas para a doação. De acordo com o jornal do MORHAN, recentemente o ex- Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, reconheceu as injustiças que foram cometidas com os doentes de hanseníase. Como forma de reconhecimento, aprovou uma pensão vitalícia, para as pessoas atingidas pela hanseníase, mas os filhos que foram separados de seus pais ainda não conseguiram esse direito 11.520 que garanti uma pensão vitalícia. “Hoje a lei federal de 11.520 de

---

<sup>5</sup> LIMA, Zilda Menezes. **Uma enfermidade à flor da Pele**: A lepra em Fortaleza (1920-1937)2009, p5.

18 de setembro de 2007 dispõe sobre concessão de pensão especial às pessoas atingidas pela Hanseníase que foram submetidas ao isolamento compulsório- porém o benefício não se estende aos seus filhos<sup>6</sup> “

Falar da hanseníase na atualidade ainda continua sendo difícil, ainda persiste o medo. O estigma da Hanseníase é um problema de grande relevância e um fato histórico. Pretendo desmistificar com esta pesquisa qual a origem do estigma da Hanseníase no centro de convivência Antônio Diogo? Como foi vista a Hanseníase nos diferentes períodos históricos? Como o Brasil e o Ceará conviveram com a epidemia? Qual o papel do MORHAN? Todas estas indagações são para ajudar a entender de onde veio o estigma da hanseníase no centro de convivência Antônio Diogo e como essas pessoas doentes conviveram com tanto preconceito e discriminação. Para encontrar as respostas recorri a leituras de livros, artigos, jornais, internet, os quais me deram os subsídios teóricos e metodológicos. Vale ressaltar que os trabalhos de campo e as entrevistas desestruturadas, deram liberdade para a uma vivência real. Nestas histórias orais foi possível fazer comparação e modificar conceitos.

Este TCC está estruturado em dois capítulos. O primeiro capítulo intitulado a hanseníase e o preconceito: do Judaísmo- cristão até o século XIX. Trata de como a doença de Hansen foi vista ao longo de diferentes períodos históricos. No primeiro item, inicio esclarecendo a Hanseníase como uma doença associada ao pecado. A presença religiosa é muito forte neste subcapítulo, com base na Bíblia sagrada. Abordo também o início do modelo de fechamento total

---

<sup>6</sup> Notícia retirada do Jornal do MORHAN de Janeiro a Junho, 2013, ano XXIII nº55.



e suas técnicas e o surgimento da disciplina e o exame. No século XIX a doença começa a ser vista pelo olhar científico. No segundo item, apresento a hanseníase no Brasil e no Ceará. Mostro os colonizadores como sendo os disseminadores da Hanseníase. As atrocidades cometidas com os Hansenianos no governo de Getúlio Vargas, através do decreto federal 610, de 13 de Janeiro de 1949. O papel do Coronel Antônio Diogo na construção e desenvolvimento do Centro de Convivência Antônio Diogo. A negligência do Estado, e a importância das irmãs superiores no combate as crises financeiras.

O segundo capítulo é intitulado MORHAN. No primeiro tópico, faço um levantamento histórico do mesmo especificando o que é o MORHAN. Falo um pouco do movimento no âmbito nacional e regional. Também falo da lei federal 11.520 de 18 de setembro de 2007, que trata de uma pensão especial para as pessoas que sofreram o isolamento compulsório. No último tópico utilizo entrevistas desestruturadas com os agentes do MORHAN. e as pessoas

## **I- CAPÍTULO: A Hanseníase e o Preconceito: do Judaísmo-Cristão até o século XIX**

### **1.1 Históricos gerais: Judaísmo-cristão/ Grego/ primitivo/ moderno/ Antigo**

Percorrendo o antigo testamento, em levítico é perceptível à importância do papel religioso que o sacerdote exercia na sociedade. Cabia a essa autoridade religiosa uma responsabilidade muito grande, no sentido de dar o diagnóstico da doença, indicar os cuidados com os mazeados e ainda afastar do convívio familiar. Tanto na era Judaica como era na Cristã as indicações com relação à lepra e conduta a ser seguida, continuaram sendo do Sacerdote. A pele era avaliada e de acordo com a observação do Sacerdote, o indivíduo seria classificado como puro ou impuro.

Se o sacerdote verificar que ele se apresenta mais fundo do que a pele e que o pelo se tornou branco, o sacerdote declarará o homem impuro: é uma chaga de lepra, que se desenvolveu sobre a úlcera. Mas, se o sacerdote verificar que não contém pelo branco, que não está mais fundo do que a pele e que está amortecida, isolará este homem durante sete dias. Se, então alastrar sobre a pele, o Sacerdote o declarará impuro. Mas, se o sinal permanecer no mesmo lugar, sem se estender, é a cicatriz da úlcera, e o Sacerdote o declarará puro<sup>7</sup>.

Como podemos constatar as interpretações Judaicas, foram baseadas em fatos do antigo testamento. A partir dessas interpretações, os doentes foram sendo excluídos, simplesmente por um conceito sem nenhuma base científica. Qualquer sinal da doença o indivíduo seria logo isolado, separava da família, sem ter um local apropriado, ficava vagando pelas ruas. Segundo pesquisas da Zilda Lima, Para tentar combater a moléstia, existia o sacerdote, autoridade religiosa, que identificava a doença. Como o sacerdote era o dono do conhecimento naquela época, ninguém poderia questionar somente obedecer às ordens daquele que detinha o poder de classificar como

---

<sup>7</sup> Bíblia Sagrada Antigo testamento, em Levítico Cap13, 20-23, p150.

puro ou impuro. Com aquela autoridade religiosa estava à autoridade de decidir o destino dos leprosos. Apesar de estes relatos estarem na Bíblia sagrada, os estudiosos das escrituras sagradas, (Ujvari, Gandra Junior) falam que não existem provas científicas para garantir tal afirmação.

Apesar de caracterizada como uma doença Bíblica, vários estudiosos afirmam não existir referências diretas nas Escrituras ao termo *lepra*. Esclarecem que no século II depois de Cristo, nas atividades da Bíblia de Alexandria, a doença do Levítico foi traduzida para o grego como *lepra* (Ujvari, 2003, p.17-19); (GANDRA JUNIOR, 1979, p.32). Séculos depois, a igreja medieval teria sustentado que as lesões citadas pelas escrituras eram sinais de impureza decorrentes de graves pecados cometidos, capazes de despertar a ira divina. Neste sentido as pessoas acometidas pelas infecções estariam sendo castigadas por Deus<sup>8</sup>.

Segundo o cientista social Erving Goffman, os gregos possuíam conhecimentos visuais que os permitiam classificar as pessoas como portadoras de qualquer anormalidade. Foram eles os criadores da palavra estigma. Qualquer pessoa que fugisse do padrão da normalidade seria marcada com um sinal de fogo ou corte. Essas marcas identificavam uma pessoa proibida de aparecer em público.

Os gregos, que tinham bastante conhecimento de recursos visuais, criaram o termo estigma para se referirem a sinais corporais com os quais se procurava evidenciar alguma coisa de extraordinário ou mau sobre o status moral de quem os apresentava. Os sinais eram feitos com cortes ou fogo no corpo e avisavam que o portador era um escravo, um criminoso ou traidor uma pessoa marcada, ritualmente poluída, que devia ser evitada; especialmente em lugares públicos<sup>9</sup>.

---

<sup>8</sup> LIMA, Zilda Menezes. **Uma enfermidade à flor da pele: A lepra em Fortaleza (1920-1937)** 2009, p12.

<sup>9</sup>GOFFMAN, Erving, 1981, p.5

Do ponto de vista histórico, a doença, antes de ser conhecida as suas causas, ganhou diversas hipóteses de possíveis formas para chegar um conceito lógico. Ainda segundo a mesma autora, enquanto os gregos atribuía a doença como algo extraordinário, os povos primitivos atribuía à lepra as forças sobre-humanas, acreditavam na hipótese de ser uma invasora do corpo, que chegava à surdina e dominava. Tempos depois, eles imaginam ser algo ligado aos poderes sobrenaturais como fantasma e ou magia. Finalmente Hipócrates atribui as causas da doença aos fatores naturais dando início ao processo científico.

Os povos primitivos entendiam as enfermidades como ações de forças adversas humanas ou sobre-humanas, resultantes de algo misterioso introduzido no corpo da vítima ou como decorrência de atos mágicos. A Hipócrates deve-se a primeira tentativa de eliminar as causas mágicas das doenças, atribuindo a elas causas naturais<sup>10</sup>.

O estigma que a doença deixava nas pessoas na antiguidade causava dentre outras coisas, discriminação. As vítimas também achavam que sofriam de algo sobrenatural, e portanto, merecedores daquele sofrimento maligno. A hanseníase é uma moléstia causadora de estigma geradora das representações sociais. Segundo Moscovi, as representações sociais são explicações ou tentativas de explicar, os fatos ou acontecimentos. Apresentam-se através de simbologias. Por meio das representações a mente humana é capaz de tratar o imaginário como uma verdade. (...) a memória prevalece sobre a dedução, o passado sobre o presente a resposta sobre o estímulo e as imagens sobre a ‘realidade’<sup>11</sup>.

Pode servir de critério de comparação aplicável tanto às diferentes culturas como à história das nossas próprias ideias científicas repousa sobre o princípio kantiano de que o pensamento só progride libertando-se das cadeias das suas próprias

---

<sup>10</sup> LIMA, Zilda Menezes. **Uma enfermidade à flor da pele: A lepra em Fortaleza (1920-1937)** 2009, p8.

<sup>11</sup> MOSCOVI, Sérgio. 2007, p.55

condições subjectivas. A primeira revolução copernicana... é uma revolução que não tem fiel.<sup>12</sup>

Segundo o historiador Michael Foucault, os moradores das cidades durante muito tempo foram vigiados por todos os lados, com o intuito de manter o povo dentro de suas casas, escondidos da doença. Como uma forma de controle da situação, ficou determinado o fechamento total de todos os quarteirões de todas as ruas. Ameaçadas de morte as pessoas foram presas e vigiadas por um síndico. Por sua vez esse síndico trabalhava ameaçado de morte, caso alguém que estava sob sua responsabilidade fugisse. Ao final de cada dia as portas eram fechadas por fora pelo síndico e este entregava as chaves ao itinerante. Diariamente o síndico fazia a chamada dos moradores, que deveriam apresentar-se na janela. Dessa forma o síndico teria o controle da situação.

A inspeção funcionava constantemente: O olhar está em alerta em toda parte. "Um corpo de milícia considerável, comandado por bons oficiais e gente de bem, corpos de guarda nas portas, na prefeitura e em todos os bairros para tornar mais pronta á obediência do povo, e mais absoluta a autoridade dos magistrados, "assim como para vigiar todas as desordens, roubos e pilhagens"<sup>13</sup>.

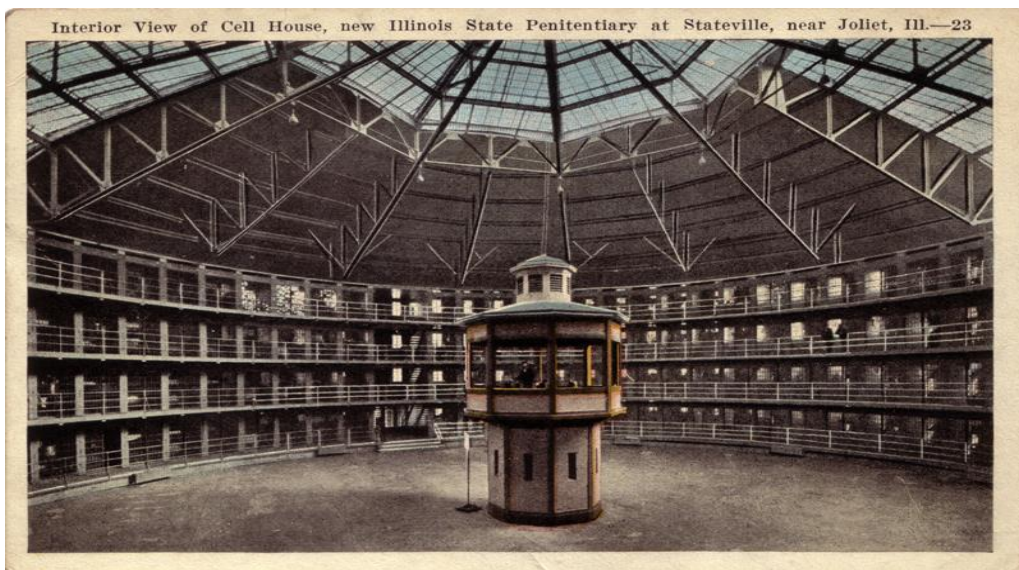
Nesse espaço vigiado, tudo se mantinha sob um regime de ordem militar, um sistema hierarquizado. Ninguém ousaria desobedecer, todos os passos eram monitorados e minuciosamente repassados ao chefe supremo. Os movimentos ocorridos dentro deste pequeno espaço eram registrados e contabilizados; também a quantidade de vivos e mortos faziam parte dessas anotações. O Governo militar criava o modelo de exclusão, usando a disciplina como uma medida de sanar os problemas que a hanseníase estava criando. Essa estrutura física não dava mais conta da questão social. O Estado não admitia desordem. Para tanto, sendo radical, no sentido de

---

<sup>12</sup> DOUGLAS, p, 98-106

<sup>13</sup> FOCAULT, Michel. Vigiar e punir. Capítulo III, O panóptico 1987, p 162

afastar, ou melhor, trancafiar todos aqueles que por ventura viessem a contrariar as regras do Estado. O panóptico tinha o formato de um anel, e dava acesso de visão a todos os lados. E o controle era feito, sem ninguém ter a certeza se de fato tinha alguém vigiando ou não. Esse instrumento arquitetônico foi utilizado para afastar todos, que a sociedade civil, julgava perturbar a ordem e a moral. Essa figura arquitetônica foi a grande invenção do século XIX. Este local seria usado para separar loucos, crianças com dificuldade escolar, condenados, doentes.

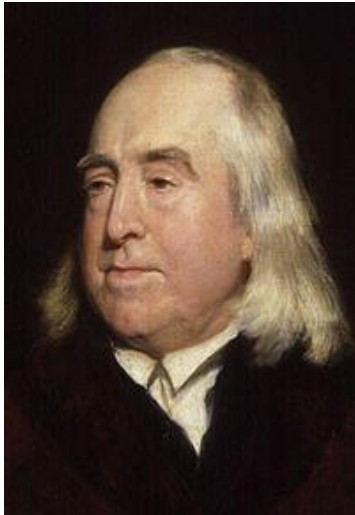


(Fonte: Contos do panóptico<sup>14</sup>. imagem reproduzida contos do panóptico blogs. com)

## O PANÓPTICO

---

<sup>14</sup> Disponível em: <http://contosdopanoptico.blogspot.com.br/>



(Fonte: Filósofo Jeremy Benthan)<sup>15</sup>

O panóptico de Benthan a figura arquitetônica da composição. O princípio é conhecido: na periferia a construção de um anel; no centro, uma torre; esta é vazada e largas janelas que abrem sobre a face interna do anel; a construção periférica é dividida em celas, cada uma atravessando toda a espessura da construção; elas têm duas janelas, uma para o interior, correspondendo às janelas, permite da torre; outra, que da para o exterior, permite que a luz atravesse a cela de lado a lado. Basta então colocar um vigia na torre central, e em louco, um doente, um condenado, um operário ou um escolar.<sup>16</sup>

O panóptico foi criado pelo arquiteto inglês e utilitarista Jeremy Benthan. Era usado como forma de intimidar os internos. Os presos imaginavam que estava vigiado o tempo todo, então se comportavam quietos por medo da repressão. O objetivo era trancar, privar, esconder os indivíduos doentes. Aquela gente representava os marginalizados das cidades. Para limpar as ruas, essas pessoas ficavam escondidas esperando a morte chegar. Enquanto a hipótese de cura não surgia à máquina continuava dominando. O Estado mantinha todo o controle. Durante longos anos

---

<sup>15</sup> Disponível em: [http://en.wikipedia.org/wiki/Jeremy\\_Bentham](http://en.wikipedia.org/wiki/Jeremy_Bentham)

<sup>16</sup> FOCAULT. 1987 p 165-6

essa estrutura orientou a vida política e social, organizando a sociedade através da força organizada do Estado.

É polivalente em suas aplicações: serve para emendar os prisioneiros, mas também cuidar dos doentes, instruir os escolares, guardar os loucos, fiscalizar os operários, fazer trabalhar os mendigos e ociosos. É um tipo de implantação dos corpos no espaço, de distribuição dos indivíduos em relação, de organização hierárquica, de disposição dos centros e dos canais de poder, de definição de seus instrumentos, e de modo de intervenção, de que pode utilizar nos hospitais, nas oficinas, nas escolas, nas prisões<sup>17</sup>.

Desde o século XIV as políticas públicas já intervinham na vida da população. Castell definia essa política como sendo assistencialista. O Estado faz a parte mediadora como fiador da organização e do trabalho e regulador da mobilidade social. A gestão política fez uma junção do privado com o social do desenvolvido econômico e a conquista dos direito, o mercado e o Estado.

[...] Estado dirige a economia. “Constrói uma correspondência entre objetivos econômicos, objetivos políticos, objetivos sociais.” Circularidade de uma regulação que pesa sobre o econômico para promover o social e que faz o social o meio de tirar de apuros a economia quando esta se abate<sup>18</sup>.

No século XVII esse regime fechado se dava também na educação das províncias, nas escolas cristãs. A igreja justificava o sistema, responsabilizando aos pais. Por não terem estudado, não, Sabiam ensinar. Nem conheciam a Deus, eram preguiçosas. Essas escolas pretendiam, com o sistema de fechamento, erradicar com a bebedeira, furtos, mendicância. No século XVIII a instituição começa um novo processo. Aumenta a quantidade de instituições disciplinares, mas o regime muda, passa de um sistema fechado para um sistema aberto. A educação deixa de ser responsabilidade da igreja e passa a ser responsabilidade da família. Apesar da educação da criança ser atribuída à família, porém supervisionada. Segundo Foucault o que mudou foi apenas o modo

---

<sup>17</sup> FOCAULT. 1987, p61

<sup>18</sup> CASTELL, Roberto. 1998, p487



de fazer o discurso. Nos espaços onde quem tem o poder de tomar as decisões é sempre o Estado, a forma para sobreviver a esse sistema será de obediência.

A produção do discurso é uma forma geradora de poder, que tem como finalidade, controlar, selecionar, organizar e redistribuir as práticas habituais da ação social, sendo que o discurso consiste num espaço de articulação entre o conhecimento e o poder<sup>19</sup>.

O século XVIII criou as técnicas disciplinares, o exame e a idade média inventou o inquérito judiciário. Segundo Foucault as técnicas de punir mudaram, mas o poder disciplinar continuou. A forma de julgamento continua baseada nos procedimentos da idade média, aonde o processo vinha de cima para baixo. A justiça penal não inovou, o que procura fazer é punir, corrigir, enquadrar nos padrões da normalidade. A disciplina e a ordem impõem tudo, ainda mediante a antiga Inquisição.

Na passagem dos dois séculos uma nova legislação define o poder de punir como função geral da sociedade que é exercida da mesma maneira sobre todos os seus membros e na qual cada um deles é igualmente representado; mas ao fazer a detenção, apenas por excelência, ele introduz modelo de dominação característico de um tipo particular de poder<sup>20</sup>.

Segundo Douglas, o século XIX foi marcado pela separação de ideias, entre as religiões primitivas e as religiões do mundo moderno. Para religiões antigas, a hanseníase era uma doença associada à impureza e tempos mais tarde também a falta de higiene.

...A única forma de diferenciação do pensamento que me parece pertinente e que pode servir de critério de comparação aplicável tanto às diferentes culturas como à história das nossas próprias ideias científicas repousa sobre o princípio kantiano de que o pensamento só progride libertando-se das cadeias das suas próprias

---

<sup>19</sup> FOCAULT. 1979,1987,2010 a 2010h

<sup>20</sup> FOCAULT, 1987, p.215

condições subjectivas. A primeira revolução copernicana... é uma revolução que não tem fiel<sup>21</sup>.

No século XIX, as noções ligadas às doenças, começaram a serem enxergadas pelos olhos da ciência. Os micro-organismos foram taxados pelos cientistas de responsáveis por atacarem os corpos e, portanto, os responsáveis pelas doenças. Segundo a Zilda Lima, os avanços científicos são notórios, mas as crenças populares, com relação à magia, orações, ervas milagreiras, continuaram existindo. Nem mesmo a evolução do tempo conseguiu extinguir, o que de certo modo continuou gerando estigma.

De qualquer modo, as atitudes em face das doenças pouco se alteraram. Se de um lado, a medicina científica não cessou de alcançar vitórias, por outro, as crenças na eficácia da magia, orações, ervas e nos milagreiros e curandeiros permanecem ainda, pois, cada civilização e cada época convivem com a racionalidade e com o sobrenatural (LIMA, p.10).

Nesta etapa, ser um doente pobre ou ser mazelado rico vai facilitar ou dificultar a vida na sociedade. Os doentes eram além de excluídos socialmente, eram subdivididos. A população excluída agora, além dos doentes, os loucos, mendigos, vagabundos e os violentos. A subdivisão se dava entre quem era louco e quem não era louco, perigoso, inofensivo, normal, anormal. A classe social, da qual a pessoa estava inserida determinava como cuidar dos internos. "É próprio do século XIX ter aplicado aos espaços de exclusão de que o leproso é um habitante simbólico (os mendigos, vagabundos, loucos, os violentos formavam a população real) a técnica de poder própria do "quadricula mento" disciplinar<sup>22</sup>".

Se os detentos são condenados não há perigo de complô, de tentativa de evasão coletiva, projeto de novos crimes para o futuro, más recíprocas; crianças não há

---

<sup>21</sup> DOUGLAS. p.98-106

<sup>22</sup> FOCAULT 1987, p.165

cola, nem barulho, nem conversa, nem dissipação. Se são operários não há roubos, nem conluíus nada dessas distrações que atrasam o trabalho tornam-no menos perfeito ou provocam acidentes <sup>23</sup> .

## **1.2 A HANSENÍASE NO BRASIL E NO CEARÁ**

A história da hanseníase no Brasil teve início ainda no período colonial. Quando os colonizadores começaram a invadir o território Nacional, trouxeram também o tráfico negreiro, durante o percurso havia muita transmissão de doenças como a hanseníase. A partir da colonização começou surgir os casos de hanseníase no país.

No Brasil, os primeiros casos da doença foram notificados no ano de 1600, na cidade do Rio de Janeiro (Yamanauchi et, AL,1993), onde anos mais tarde, seria construído o primeiro lazareto local destinado a abrigar os doentes de Lázaro, lazarentos ou leprosos Brasil (1989)<sup>24</sup>.

Os colonizadores perceberam que as terras eram férteis, boa para a agricultura. Apesar de explorarem a mão de obra dos nativos sentiram necessidade de mais produção de trabalho humano. As soluções encontradas pelos invasores seria o tráfico de escravos africanos. Devido às péssimas condições que esses escravos eram transportados, muitos morriam no percurso, outros chegavam doentes.

O desenvolvimento da agricultura desencadeou a necessidade de mais mão de obra nas lavouras por isso, os colonizadores trouxeram imigrantes doentes de outras Regiões para trabalharem no Pernambuco, Paraíba e Alagoas. E ao Ceará, Maranhão, Pará e Amazonas pela ocupação desses Estados<sup>25</sup>.

---

<sup>23</sup> Idem 1987, p.165

<sup>24</sup> EIDT. 2004, p.80

<sup>25</sup> IDEM 2004, p.81

O Brasil, na era do governo Vargas cometeu muitas atrocidades contra famílias inteiras. Através da lei Federal nº 610, de 13 de Janeiro de 1949, o governo pode isolar compulsoriamente pacientes na colônia. A mesma lei também ordenava que filhos de pais com hanseníase, deveriam ir para adoção. Segundo o Jornal O Nordeste, a lei da era do governo Vargas, teve um longo período de duração teve início na década de 1949 perdurando até 1986, pois os hospitais deixaram de ser uma instituição fechada. Houve mudança nos hospitais colônias, o para hospitais gerais, onde seria livre o acesso nessas instituições.



(Fonte: Presidente Getúlio Vargas. Reprodução: Internet, InfoEscola)<sup>26</sup>.

No Brasil, até a década de 1980, a Lei Federal nº 610, de 13 de janeiro de 1949 chamadas à época de leprosários. A mesma lei ordenava a entrega dos bebês de pais com hanseníase à adoção, o que levou à separação de milhares de famílias. Esta situação perdurou até 1986, quando os antigos hospitais colônias foram transformados em hospitais gerais<sup>27</sup>.

---

<sup>26</sup> Disponível em: <http://www.infoescola.com/biografias/getulio-vargas/>

<sup>27</sup> O NORDESTE, 19/08/2014, p.7

Desde a época colonial, o Ceará apresenta histórias de hanseníase, é o que nos relata a historiadora Lima Zilda em seu livro (*Uma enfermidade à flor da pele*). Os arredores das ruas de Fortaleza eram repletos de pessoas estigmatizadas. Nos espaços públicos era proibido de circular qualquer indivíduo com marcas que pudesse indicar a doença. Mas somente em 1920 as notícias ganham repercussão através dos Jornais (Correio do Ceará, Diário do Ceará e o Jornal O Nordeste). A imprensa contribuiu denunciando o surgimento dos casos de doenças e assim mobilizou a sociedade no sentido de ajudar.

O mal de Lázaro cada dia se alastra mais. Nesta Capital, percorrendo os pontos centrais, residindo nas ruas mais habitadas, vendendo fructas, legumes e taboleiros, penetrando nas moradias particulares e nas repartições públicas, nos restaurantes e nos cafés, pedindo esmola, exercendo, enfim toda sorte de atividades, nós vemos todos os dias, morphéticos em estado grave, que se põem em contacto perigoso com a população sã<sup>28</sup>.

Segundo a mesma historiadora, a imprensa serviu para alertar as autoridades, mas, também falar sobre os riscos representados e com isto causando o medo na população. A principal preocupação era distanciar as pessoas sadias, daqueles que não estavam sãs. Ao mesmo tempo em que afastava os clientes daqueles trabalhadores que continuavam trabalhando, os mendigos também foram retirados das ruas após a chegada do Jornal.

(...) Os hansenianos não tinham para quem apelar e na luta pela subsistência, invadiam ruas da cidade, mendigavam nas portas dos cafés, nas esquinas, nos vestíbulos da assembleia, na mais perigosa promiscuidade. Faziam os principais logradouros, pontos de reunião e ali permaneciam e pernoitavam para recomeçar a tarefa cotidiana no alvorecer do dia seguinte. Muitos deles, de certo, portadores

---

<sup>28</sup> CORREIO DO CEARÁ, 08/08/1922, p2.IN:LIMA,2009,p.37

de formas clínicas avançadas e expõem suas chagas aos olhares da população, trabalhando em misteres vários, vendendo redes, botando, fabricando pães (...) <sup>29</sup>.

Inserido no processo histórico sobre o estigma, é possível perceber a diversidade de estereótipos que ainda existe. É um tema que envolve um cenário amplo, as pessoas com Hanseníase do Centro de Convivência Antônio Diogo viveram esse cenário. A falta de preparo clínico da época prejudicou os doentes. As crianças recém-nascidas eram separadas de seus pais, sendo levadas para adoção. O desenvolvimento da lepra deixava marcas que, classificando todos que as tivessem como seres anormais. “O estigma leva junto, muitos pensamentos destrutivos o indivíduo grita com o cego como se ele fosse surdo ou tenta a erguê-lo como se ele fosse aleijado <sup>30</sup>”.

Nas principais notícias dos jornais, os maiores destaques eram voltados para os leprosos. As autoridades sanitárias eram pressionadas pelos jornais para tomarem providências no sentido de combater os debilitados. Como ainda não se falava em tratamento exigiam das autoridades a construção de um lazareto para afastar os doentes da população sadia.

O desenvolvimento da lepra, o aumento do número de atingidos está exigindo sérias providências sanitárias, para evitar a propagação: a primeira, e absolutamente inadiável é a organização de um lazareto em ponto afastado, onde sejam recolhidos os morféuticos da cidade, cuja existência não é crível que a higiene pública desconheça <sup>31</sup>.

Os jornais continuavam exigindo dos governantes uma solução. Era do conhecimento da imprensa, a existência de um recurso financeiro, para trabalhar o problema em questão. Segundo

---

<sup>29</sup> DIÁRIO DO CEARÁ, 14/14/09/ 1922, p,2. In: LIMA, p.38

<sup>30</sup> GOFFMAN, 1891, p.8

<sup>31</sup> O NORDESTE, 06/01/1922, p, 2 . In: LIMA, p.38

os jornais, eram seis \$réis, queriam explicações. Buscavam entender o que tinha sido feito com aquela verba, já que os leprosos continuavam nas ruas, por falta de um local apropriado para os enfermos.

Não há contrato algum celebrado entre este Estado e o Departamento Nacional de Saúde Pública, representado por este serviço no sentido do combate à lepra. Governo Federal concedeu através dessa inspetoria a datação de 6:666\$666 réis para que neste Estado fosse fundado um dispensário de profilaxia das doenças venéreas e se levantasse o censo dos leprosos, de modo a oportunamente serem combinadas as bases de providências definitivas, dentre as quais avulta a construção do leprosário<sup>32</sup>.

As críticas feitas pelos mencionados jornais surtiram efeitos, no sentido de dar uma resposta a população. Em resposta aos jornais, *O Diário*, *O Nordeste*, a população, o chefe do serviço de saneamento e profilaxia das doenças venéreas, culpou o Governo Federal, por não disponibilizar recurso suficiente. De acordo com o chefe do serviço, O valor mencionado era usado para manter dezesseis leprosos indigentes isolados em seus domicílios. A verba era insuficiente até mesmo para essa pequena quantidade de doentes. Os jornais foram averiguar os fatos e constataram a veracidade. O Nordeste reafirma que o Brasil viveu a política do isolamento compulsório, além de enclausurados, tinha que aceitarem seus filhos serem levados para o preventório. De lá iriam para doação, muitas crianças não resistiram. Muitas crianças se perderam no caminho, morreram antes mesmo de serem adotadas. Durante muito tempo, a sociedade rejeitou os moradores do Centro de convivência ao saírem nas ruas. Ainda hoje são nas ruas apontados como filhos de leprosos. Muitos moradores preferem continuar onde estão, porque as ruas trazem lembranças de um passado preconceituoso.

---

<sup>32</sup> (DIÁRIO, 09/10/1922, p.2); IN: LIMA, Zilda. P39

No caminho dessas vidas condenadas ao isolamento, ficaram famílias inteiras desamparadas e mais do que isso, os filhos que nasceram dentro desses espaços eram sumariamente separados de seus pais e colocados nos chamados preventórios. (...) Até os anos 1980, mais de 200 crianças passaram por ali vindas das colônias. Algumas nem conseguiram completar o primeiro mês de nascimento ou faleceram no caminho (O NORDESTE, 2014, p7).



(Fonte: foto elaborada pela autora. Coronel Antônio Diogo. Museu do Centro de Convivência Antônio Diogo)

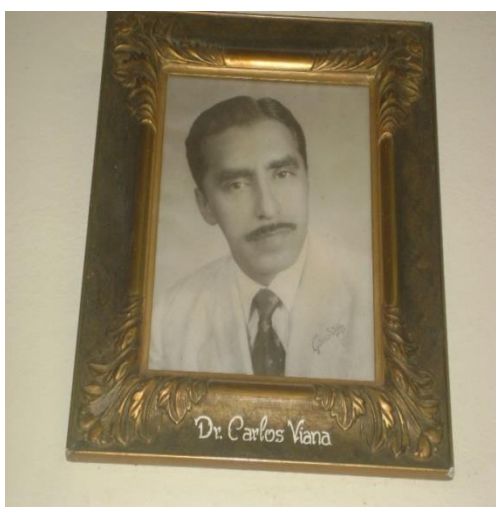
Após uma decisão na assembleia legislativa o Presidente do Estado, José Moreira da Rocha concluiu que seria construído o leprosário nas terras da colônia Cristina. Eram terras abandonadas e, portanto, o governo não iria gastar nada pelas terras. Em 1926 o Coronel Antônio Diogo de Siqueira, (um capitalista Cearense) financiou a construção do primeiro leprosário. Através das festas náuticas na escola de aprendizes de marinheiro, festivais de piano no teatro José de Alencar, leilões beneméritos na sede do clube de Iracema. Também os chás *Five ó clock* (chá das cinco) promovidos pelas damas da alta sociedade. “As instituições fechadas são de 1973 as pessoas com hanseníase eram obrigadas a permanecerem internados nas Colônias, era lei, e quem descumprisse seria punido”.

De acordo com o Jornal O Nordeste, no dia primeiro de agosto de 1928 foi inaugurado, o asilo da Canafístula, primeiro leprosário Cearense. A colônia era uma vila pequena, com casinhas e cômodos para os enfermos. Antes mesmo de concluída toda a obra arquitetônica, começou a



funcionar sem as devidas condições adequadas. No dia 09 de Agosto de 1928 começa a chegar os primeiros enfermos, 34 saíram de Fortaleza e sete foram recolhidos nas estações por onde o trem passava.”

... A colônia de leprosos sita em Canafístula, é composta de uma vila com 64 casinhas isoladas com Cômodos para 180 enfermos. Há também a casa do curadálmas e da administração ainda em construção e mais nada<sup>33</sup>.



(Fonte: Foto elaborada pela autora. Doutor Carlos Viana. Acervo Museu do Centro de Convivência Antônio Diogo).

A vida daqueles moradores não eram nada fácil, na verdade no princípio não havia remédio, eles foram retirados da sociedade e forçados a trabalhar nas terras da colônia para sobreviver. Segundo a citação da reportagem de Jairo, que conta a história de Marcelino, a indicação era o trabalho como primeira forma de tratar a doença. A madre pregava também o amor uns aos outros, esse seria o segundo remédio, como uma forma de tratamento. Somente depois o Doutor Carlos Viana começou a oferecer a terceira medicação, à sulfônica. Os

---

<sup>33</sup> O NORDESTE, 03/08/1928, p1. IN: LIMA, p77

doentes trabalhavam na terra para produzirem seus sustentos. “O primeiro remédio é o trabalho. Plantam batata, milho. Outro remédio é a bondade segundo a Madre, Amai-vos uns aos outros. O terceiro remédio Doutor Carlos da a Sulfônica”.(JAIRO MARTINS BASTOS, O DIÁRIO DO CEARÁ)<sup>34</sup>.

(...) uma enfermidade em que a vida e morte se acham tão estranhamente mescladas que a morte assume o brilho e o matiz da vida, e á vida, a desolação e o humor da morte; uma enfermidade que a medicina jamais curou, que a riqueza jamais evitou, e da qual a pobreza podia gabar-se de estar isenta [...]<sup>35</sup>.

A história de Marcelino no Leprosário Antônio Diogo, mostra a realidade por trás dos muros. Durante muitos dias ele não comia nem dormia, apenas gritava de dor. O som que chegava aos ouvidos eram ecos de gritos, lamentações e clamor às forças divinas. De acordo com a reportagem de Jairo Martins, do Ceará, a doença estava ligada ao pecado e sendo assim, era imaginado que aquele período servia para queimar os pecados. Também existia uma comparação entre o sofrimento de Marcelino com o de Cristo. Em meio a tantos contrastes a fé ainda prevalecia sobre as atitudes terrenas.

Marcelino vive no leprosário Antônio Diogo e há muitos dias não dorme nem come: apenas grita de dor. A dor é seu alimento, e o travesseiro do seu sono é o tic-tac do seu relógio. Sua perna enorme arroxeadada, não o deixa descansar. Tarde da noite, quando o seu corpo exausto não aguenta mais a posição a que sua perna o condena, dois outros leprosos, condoídos, se sentam as suas costas para que ele repouse um pouco sobre seus ombros amigos. Marcelino pode ter sido um menino mau, um menino perverso, pois é um menino do Sertão, mas eu não tenho receio

---

<sup>34</sup> Notícia coletada em um recorte de jornal antigo, no arquivo do centro de convivência Antônio Diogo.

<sup>35</sup> (SOUTANG, P22)

em dizer que seus pecados estão sendo queimados pelas suas dores, e que quando ele morrer, amanhã ou depois cristo, que também sofreu assim, mandará Francisco das Chagas apanhar Marcelino pela mão e levar para um lugar bem tranquilo, onde ele possa dormir<sup>36</sup>.

O leprosário Canafístula vivia em crise financeira, porém sofreu ainda mais com a sede de 1931. A base do sustendo da Região era agrícola e sem chuva, tudo ficou difícil. Segundo o Correio do Ceará, o Dr. Antônio Justa tenta junto ao Inspetor Federal ajuda, para os doentes. (...) relatório apresentado ao Inspetor Federal pelo Dr. Antônio Justa diretor do serviço sanitário de Canafístula. OS leprosos, além da sua doença incurável, considerada a mais horrorosa de quantas existem, sofrem outro suplicio. - O da sede!<sup>37</sup>

A negligência do Estado para com os doentes era visível. O governo deixou de repassar durante três meses seguidos, os recursos para a colônia. Durante esse período as irmãs superiores apelaram para a caridade dos comerciantes. Os alimentos básicos foram fornecidos, fiados para atender aos pedidos das Freiras. Segundo O Nordeste, as Irmãs confirmaram o atraso nos pagamentos, e falam da preocupação, caso os fornecedores não receberem pagamento pelas suas mercadorias, devem suspender as vendas. Se isto ocorrer os leprosários podem fechar.

As despesas de outubro, novembro e dezembro, que deviam ocorrer por conta de adiantamentos recebidos anteriormente, foram feitas fiadas, graças ao bom coração e a generosidade dos fornecedores. Assim gêneros alimentícios, leite, carne estão por ser pagos, com atraso de três meses. (...) está levando seleciona no meio dos interessados que, desta sorte, ficaram sem receber os atrasados visto como forneceram em confiança e só atender aos rogos das irmãs. Se os

---

<sup>36</sup> Martins é repórter do jornal do CEARÁ, 1926. Este jornal faz parte dos jornais do museu do centro de convivência Antônio Diogo.

<sup>37</sup> CORREIO DO CEARÁ, 07/05/1931.

fornecedores não forem pagos, suspenderam imediatamente as vendas a crédito, levando, totalmente, ao fechamento dos leprosários, o que seria um horror<sup>38</sup>.

## **II-CAPÍTULO: MORHAN (Movimento de Reintegração das Pessoas Acometidas pela Hanseníase)**

### **2.1 Levantamentos históricos do MORHAN**

Com o intuito de alertar a sociedade civil e também os governantes, Surge um movimento social, o MORHAN (movimento de reintegração das pessoas acometidas pela hanseníase). Para tentar corrigir as injustiças sociais relacionadas aos hansenianos, e lutar pelos direitos a dignidade humana, o movimento fazia denúncias aos maus tratos sofridos pelos enfermos. Esse movimento foi fundado no dia 06 de Junho em 1981, por Francisco Augusto Vieira Nunes, o Bacurau. A seguir vemos a imagem de um homem evoluído para sua época, o Bacurau. Segundo o jornal MORHAN, ele contraiu a hanseníase aos cinco anos, e passou a infância internado. Sua adolescência foi no hospital colônia Porto Velho e depois foi transferido para a colônia Sousa Araujo no Rio Branco, Acre. Então desde cedo conviveu com o preconceito e a discriminação. Mas este fato serviu para ele aos poucos se tornar uma pessoa envolvida com as questões afetivas da comunidade. E foi graças a este envolvimento e o carisma que foi nomeado líder comunitário.

---

<sup>38</sup> O NORDESTE, 04/01/1951, ACERVO do Centro de Convivência Antônio Diogo.



(Fonte: Francisco Augusto Vieira Nunes, (Bacurau). A luta de um homem por dignidade e um mundo mais justo)<sup>39</sup>.

Francisco Augusto Vieira Nunes, Bacurau, nasceu no estado em Manicoré, no Estado do Amazonas, em 1939. Bacurau contraiu a hanseníase aos cinco anos de idade, na década de 40. Desde a infância conheceu de perto o preconceito e o isolamento do convívio social. Na adolescência passou a morar no hospital colônia de Porto Velho. Lá ganhou o apelido de Bacurau, nome de um pássaro da Região<sup>40</sup>.

Os anos 80 foram marcados por reivindicações em todo o Brasil, as lutas sindicais e partidárias de esquerda, em São Paulo reivindicavam varias mudanças e principalmente na saúde. O Bacurau recebeu o apoio desses sindicalistas e partidários de esquerda e com isso o movimento criou cada vez mais força inclusive força política. Os partidos de esquerda apoiaram o movimento do MORHAN. O carisma de Bacurau o fez prefeito. Foi eleito Prefeito na colônia Sousa Araújo no Rio Branco, Acre, onde exerceu um mandato de cinco anos. Durante este período estudou bastante e em 1980 escreveu uma carta-programa pedindo a criação do MORHAN em 1981 foi fundada o movimento no Acre. Em 1982 o Bacurau passa a viajar pelo Brasil e divulgar o

---

<sup>39</sup> <http://www.casadebacurau.org.br/>

<sup>40</sup> <http://www.casadebacurau.org.br/>

MORHAN. Foi reconhecido mundialmente por suas lutas e vitórias. Faleceu em 1997, mas seus feitos ficaram eternizados. – Criações do MORHAN

1992 – Lançamento da 1ª Edição do Jornal do MORHAN, como instrumento de mobilização e pressão popular, combatendo o que chamou a época de “Anti-educação em ‘lepra’”. 1989 – Primeira Campanha de massa na grande mídia sobre a hanseníase no Brasil. 1997 – Morre Bacurau, o fundador do MORHAN<sup>41</sup>.

O MORHAN é uma entidade sem fins lucrativos, formada por voluntários. Segundo o jornal Diário Do Nordeste, O MORHAN. Esse movimento luta Por políticas públicas adequadas, enfim, pelos direitos das pessoas com hanseníase. Lutam para eliminar a hanseníase através de palestras educativas, no sentido de prevenção, diagnóstico e tratamento.

Desde 1981, o movimento de reintegração das pessoas atingidas pela hanseníase (MORHAN) dedica-se a divulgar aspectos relacionados à prevenção, diagnóstico e tratamento da doença. Centenas de voluntários trabalham para esclarecer a população e também garantir os direitos das pessoas atingidas pela hanseníase<sup>42</sup>.

Após a vitória de Bacurau como prefeito em 1993, se empenhou em tornar o Artur Custodio de Souza, um jovem sem nenhum contato com a doença, um representante nacional do movimento em 1995. Esse jovem seria o sucessor de Bacurau, mas isto incomodava as pessoas, que não entendiam o porquê já que Artur não fazia parte dos mazelados. Bacurau sabia o que estava fazendo, quando apoiou o Artur custódio, pois logo conseguiu divulgar o MORHAN pelo mundo.

Em 1993, o VII Encontro (Curitiba, PR) é marcado, uma vez mais, por grandes conflitos internos. Mesmo assim, Bacurau se elege e abre o caminho de seu sucessor. Artur Custódio de Sousa assumiu a coordenação nacional, em 1995, no VIII Encontro Nacional.

---

<sup>41</sup> <http://www.morhan.org.br/institucio1981nal>

<sup>42</sup> DIÁRIO DO NORDESTE, 19/08/2014, p.7.

Sua eleição foi marcada por ampla controvérsia sobre a legitimidade de uma pessoa não acometida pela enfermidade dirigir a entidade<sup>43</sup>.

Segundo o jornal MORHAM, o coordenador destaca a relevância do MORHAM e das ONGS enquanto movimentos sociais, mas faz certa diferenciação entre os dois. Para ele os dois tem a mesma forma, mas o movimento social do MORHAN por ter uma vivência cotidiana de lutas contra um preconceito e a discriminação o faz diferente. Além do conhecimento teórico Tem o também, o conhecimento prático. Enquanto que as ONGS o papel é organizar a sociedade.



(Fonte: Preconceito ainda é entrave para tratamento da hanseníase no Brasil. Coordenador nacional do MORHAM, Artur Custodio Moreira de Sousa)<sup>44</sup>.

O MORHAN, como movimento social já mostrou sua força em várias ocasiões. Na época da promulgação da constituição, em várias discussões científicas sobre a reformulação das antigas colônias, no apoio ao surgimento da primeira campanha, nas definições de políticas e nas pressões em várias situações específicas. As ONGS e os movimentos sociais legitimamente

---

<sup>43</sup>[http://www.scielo.br/scielo.php?Script=sci\\_arttext&pid=S0104-87752012000100016&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?Script=sci_arttext&pid=S0104-87752012000100016&lng=pt&nrm=iso)

<sup>44</sup> Disponível em: <http://www.isaude.net/pt-BR/noticia/24826/saude-publica/preconceito-ainda-e-entrave-para-tratamento-da-hanseniose-no-brasil>

interessados na construção da cidadania tem um papel fundamental no aperfeiçoamento das políticas públicas, por que aproximam e organizam a população no poder central<sup>45</sup>.

Além de um Coordenador nacional, o movimento tem seus núcleos para garantir um trabalho mais eficaz. No Ceará o MORHAN conta com o apoio de cinco núcleos sendo um em Sobral, Juazeiro, Maracanaú, Fortaleza e Redenção. Os núcleos contam com o apoio de da LRA (Leprosy Relief Association), uma organização internacional que ajuda financiando o trabalho educativo desenvolvido pelo MORHAN. O representante do núcleo do MORHAN em Redenção é o empresário Paulo Marcelo Rabello Franco, que atua nesta função desde 2007.



Representante do núcleo do MORHAN de Redenção. Acervo museu do centro de convivência Antonio Diogo (Paulo Marcelo Rabello Franco)

A luta do MORHAN visa, além de políticas públicas, buscar na assembleia legislativa medidas para indenizar as pessoas que foram submetidas ao sistema de isolamento compulsório,

---

<sup>45</sup> Jornal do MORHAN set/Out/200[http://www.morhan.org.br/views/upload/jornal\\_36.pdf](http://www.morhan.org.br/views/upload/jornal_36.pdf)



o ex-presidente da república em 18 de setembro de 2007 (Luiz Inácio Lula da Silva) concedendo aprovação da lei 11.520<sup>46</sup>. Essa emenda está na constituição Federal e concede pensão vitalícia para todos os indivíduos que por conta da hanseníase foram isoladas, e internadas nos hospitais colônias.

Art. 1º Fica o Poder Executivo autorizado a conceder pensão especial, mensal, vitalícia e intransferível, às pessoas atingidas pela hanseníase e que foram submetidas a isolamento e internação compulsórios em hospitais-colônia, até 31 de dezembro de 1986, que a requererem, a título de indenização especial, correspondente a R\$ 750,00 (setecentos e cinquenta reais).§ 1º A pensão especial de que trata o **caput** é personalíssima, não sendo transmissível a dependentes e herdeiros, e será devida a partir da entrada em vigor desta Lei.§ 2º O valor da pensão especial será reajustado anualmente, conforme os índices concedidos aos benefícios de valor superior ao piso do Regime Geral de Previdência Social.§ 3º O requerimento referido no **caput** será endereçado ao Secretário Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República, nos termos do regulamento.§ 4º Caberá ao Instituto Nacional do Seguro Social - INSS o processamento, a manutenção e o pagamento da pensão, observado o art. 6º.

Art. 2º A pensão de que trata o art. 1º será concedida por meio de ato do Secretário Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República, após parecer da Comissão referida no § 1º.§ 1º Fica criada a Comissão Interministerial de Avaliação, com a atribuição de emitir parecer prévio sobre os requerimentos formulados com base no art. 1º, cuja composição, organização e funcionamento serão definidos em regulamento.§ 2º Para a comprovação da situação do requerente, será admitida a ampla produção de prova documental e testemunhal, e, caso necessário, prova pericial.§ 3º Na realização de suas atividades, a Comissão poderá promover as diligências que julgar convenientes, inclusive

---

<sup>46</sup> Esta lei 11.520 que concede uma pensão as pessoas que foram submetidas ao isolamento compulsório, aprovada pelo Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, era um projeto do Senador Tião Viana.  
[http://www.morhan.org.br/views/upload/jornal\\_47.pdf](http://www.morhan.org.br/views/upload/jornal_47.pdf)

solicitar apoio técnico, documentos, pareceres e informações de órgãos da administração pública, assim como colher depoimentos de terceiros.

.Art. 3º A pensão especial de que trata esta Lei, ressalvado o direito à opção, não é acumulável com indenizações que a União venha a pagar decorrentes de responsabilização civil sobre os mesmos fatos.

Esta mesma lei federal no seu artigo 4º, garante aos beneficiados com a pensão especial, que o SUS (Sistema Único de Saúde) fornecerá aos doentes, órteses, próteses, ajuda técnicas, bem como cirurgias e cuidados específicos. No artigo 5º esclarece que pode ser feito acordos, ajustes, convênios com outros órgãos, inclusive entidades privadas para atender a demanda.

Art. 4º. O Ministério da Saúde, em articulação com os sistemas de saúde dos Estados e Municípios, implementará ações específicas em favor dos beneficiários da pensão especial de que trata esta Lei, voltadas à garantia de fornecimento de órteses, próteses e demais ajudas técnicas, bem como na realização de intervenções cirúrgicas e assistência à saúde por meio do Sistema Único de Saúde - SUS.

Art. 5º O Ministério da Saúde, o INSS e a Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República poderão celebrar convênios, acordos, ajustes ou outros instrumentos que objetivem a cooperação com órgãos da administração pública e entidades privadas sem fins lucrativos, a *fim de dar cumprimento ao disposto nesta Lei*.

A lei do isolamento compulsório deixou de ser obrigatória em 1980, no Ceará foi até 1973, algumas pessoas ao saírem das colônias mudavam o nome, o lugar de a origem, outros até de País. Após a aprovação da lei 11.520/2007, muitas pessoas retornaram ao educandário Eunice Weaver procurando seus documentos. Segundo Maria Teresa (Diretora da casa) em uma entrevista

ao Diário do Nordeste no dia 19/09/2014, mas um incêndio criminoso destruiu os registros documentais. Somente restaram, algumas fotos e utensílios.

Pouca coisa existe no educandário, atual sociedade Cearense Eunice Weaver, que documente àquela época, informa a atual presidente da entidade, Maria Teresa Chaves Façanha. Segundo ela, um incêndio criminoso destruiu praticamente tudo. Ali, só sobraram algumas fotos e utensílios. Os livros de registros viraram pó e com eles, a comprovação da passagem dessas crianças por lá<sup>47</sup>.

## **2.2 ENTREVISTAS COM AGENTES E DOENTES ATENDIDOS PELO MORHAN**

Em uma de minhas visitas de campo feita ao centro de convivência Antônio Diogo foi possível conversar com o representante do núcleo do MORHAN de Redenção no Ceará, (Paulo Marcelo Rabello Franco). O MORHAN é uma conquista das pessoas atingidas pela hanseníase que deu certo e por isto conseguiu divulgar seu trabalho pelo mundo todo. Com base nesta ideia questiono as seguintes perguntas ao Senhor Paulo Marcelo. Qual a importância do movimento para os moradores de Redenção? Como o trabalho do MORHAN mudou a vida dos hansenianos de dentro e fora do centro de Convivência Antônio Diogo? Segundo o coordenador local, o movimento recebia uma ajuda de uma ONG internacional. Essa ajuda era utilizada para propagar informação educativa sobre hanseníase em diversos locais públicos. Mas uma falha humana fez com que esse recurso deixasse de existir.

O MORHAN de Redenção, antes de 2007 recebia um recurso da LRA, uma ONG inglesa que enviava recurso financeiro para o movimento fazer ações de divulgação contra o preconceito. Essa divulgação acontecia nas escolas, praças. Gastávamos também para

---

<sup>47</sup> Citação do jornal diário do Nordeste. Estigma da dor. P7

fazer panfletagens. Uma falha de ex-diretores, ou seja, a não prestação de conta proporcionou a perda do recurso<sup>48</sup>.

Ainda o mesmo ressalta que com o fim do recurso, dificultou o processo de divulgação. O poder público municipal, também não ajuda financeiramente. Sempre que se faz necessário sair para reuniões fora do Estado, quem financia a viagem é o MORHAN nacional. Apesar das dificuldades enfrentadas, é conhecido nacionalmente e também mundialmente por suas batalhas e conquistas. Segundo Paulo Marcelo, tiveram várias conquistas recentes, como por exemplo, o abastecimento de água em todas as casas. Conseguiram com ajuda do Governo Federal (Cid Ferreira Gomes) aumentar a segurança para os moradores

Uma das recentes conquistas do MORHAN foi as instalações das cisternas de polietileno para todas as casas do Centro de Convivência, na qual ajuda essas pessoas na escassez de água. Uma recente reunião com o governador Cid Ferreira Gomes para reivindicar, mais segurança, com foi possível o aumento do efetivo da Polícia Militar, uma viatura do Ronda. O asfalto da CE-060 até colônia para melhorar a mobilidade dos condutores<sup>49</sup>.

Dando prosseguimento á pesquisa, observo a dedicação, o empenho com que o Guilherme<sup>50</sup> (Antônio Guilherme de Matos) ex-morador do Centro de Convivência Antônio Diogo e vice-coordenador do MORHAN desempenha várias atividades na instituição. A imagem vista a seguir, segundo o Guilherme “representa os moradores do centro de Convivência Antônio Diogo. Desenhada por GB (Giovanni Battista Gallazzi)<sup>51</sup>. Fica localizada na parte central da igreja Nossa Senhora de Fátima. Esse quadro revela os moradores da colônia, é uma peça única”. GB. Gallizzi

---

<sup>48</sup> Paulo Marcello Rabello Franco. Representante do Núcleo Regional de Redenção, desde 2007. Foi entrevistado no dia 13/09/2014

<sup>49</sup> Informação dada por Paulo Marcelo no dia 13/09/2014.

<sup>50</sup> Guilherme é filho de hanseniano, mas nunca contraiu a doença. Mora fora do centro de convivência, mas todos os dias, está no centro, onde trabalha fazendo de tudo um pouco. É muito querido por todos os moradores, e por todos os funcionários.

<sup>51</sup> Giovanni Battista Gallazzi pintor do quadro que está no centro da igreja, Nossa Senhora de Fátima. O Guilherme que também pinta, lembra que até de uma irmã superiora sofreu discriminação, isto durante seu trabalho de pintar.

com sua arte vem mostrar, Jesus pregado na cruz, com as pernas ensanguentadas e os leprosos aos seus pés. Quando menciono o MORHAN e sua importância. Ele lamenta com certa tristeza a perda do recurso da LRA. A falta de prestação de conta que os ex-diretores deixaram de fazer implicou na eliminação de uma verba que se destinava aos serviços socioeducativos. Evidentemente, fazem constantemente projetos com o intuito de arrecadar dinheiro e dar continuidade ao trabalho do MORHAN. Várias foram às conquistas executadas, como casa de farinha, casas comunitárias e agora estão projetando uma fábrica de bolo.



(Fonte: elaborada pela autora. Imagem de Cristo na Cruz. Este quadro está na Igreja Nossa Senhora de Fátima, no Centro de Convivência Antônio Diogo).

ONG ajudava com o valor de R\$, 20.000 reais para o serviço social, durante todo o ano. Os ex-diretores não prestaram conta e por isso ficamos sem esse recurso. Mas, mesmo sem dinheiro continuamos na ativa. O MORHAN tem vários projetos, o mais recente é uma fábrica de bolo. Conseguimos através do movimento, uma viatura, casa de farinha, poços profundos, casas comunitárias

vizinhas ao campo de futebol. Nas casas hoje tem mais pessoas de fora do que mesmo, os ex- internos do centro de convivência.<sup>52</sup>

Por intermédio desta pesquisa tive a oportunidade de conhecer um pouco do mundo vivido por aquelas pessoa que a sociedade excluiu. Nas muitas visitas que fiz ao pavilhão feminino, quanto masculino e também nas casas, uma certeza que tenho é: o preconceito e a discriminação sofrida, já mais serão esquecidos. Nem mesmo o tempo será capaz de curar o sofrimento e a dor da alma. A moradora de uma casa, a dona Maria de Fátima Figueira de 48 anos, vive com sua Mãe de 86 anos e uma filha. Segundo a mesma lembra em detalhes como chegou de Juazeiro do Norte. Lamenta com muita tristeza de um preconceito vivido por sua filha no colégio Cecília Pereira, isto foi suficiente para a filha passar três anos sem frequentar uma sala de aula. Enfatiza ainda que o trabalho do MORHAN ajudou muito no combate ao estigma da Hanseníase, mas o preconceito ainda continua vivo. Algo positivo foi à pensão compulsória. O dinheiro não é suficiente para resgatar a dignidade.

O prefeito de Juazeiro, Manuel Salvino, mandou deixar de ambulância nesta colônia. Minha mãe de 86 anos e eu nos lembramos de detalhes daquele dia. Era 14 de Outubro de 1983, uma sexta feira às 8h. A população não nos viu, o Prefeito fez tudo aos escondidos. De todo sofrimento, o que mais me maltratou foi o que uma Professora fez com minha filha. Era apenas uma criança e um dia na sala de aula em um momento em que todos se apresentavam, a Professora disse, diz Thais que você mora na colônia. A partir deste comentário, as crianças se distanciaram apenas uma criança falava com ela. A menina chegou a casa querendo saber o era morar na colônia, porque todas as crianças fugiam dela. Foram três anos fora da escola. Hoje já adulta e estudante do segundo ano do ensino Profissionalizante, mas ainda lembra as palavras preconceituosas daquela Professora. O MORHAN é fundamental no combate ao preconceito. Se naquela época as pessoas tivessem essa parte educativa nas escolas certamente minha filha não teria essa triste lembrança para carregar<sup>53</sup>.

---

<sup>52</sup> Vice Coordenador do MORHAN de Redenção. Antonio Guilherme Matos, entrevistado dia 10/09/2014. Ele

<sup>53</sup> A entrevistada a moradora dona Maria de Fátima Figueiras Nerys. Mora com sua mãe de 85 anos e sua filha de 17 anos. Foi entrevistada no dia 10 de outubro de 2014.

O senhor José de Arimateia, conhecido como Pirelli, é um agente do movimento e também hanseniano atendido pelo MORHAN. Esse homem de muitas lutas e conquistas levou a sua história e de seu povo ao mundo. Segundo o jornal do MORHAN ano XXIII nº 45, quando o presidente Luiz Inácio Lula da Silva anunciou que iria assinar a medida provisória, o senhor Pirelli estava presente juntamente com seus irmãos de luta no Congresso nacional, para agradecer. O senhor Pirelli discursou representando os hansenianos do centro de Convivência Antônio Diogo.



(Fonte:

Museu Centro de Convivência Antônio Diogo)

### PIRELLI E O EX-PRESIDENTE LUIZ INACIO LULA DA SILVA

O anuncio que o Presidente Lula iria assinar uma medida provisória sobre o projeto de lei no dia 24 de maio levou novamente representantes do movimento ao congresso, para agradecer a iniciativa. Depoimentos de pessoas com hanseníase que viveram em hospitais colônia emocionaram o Presidente, que antes de iniciar o discurso deu apalavra a José de Arimateia Costa, Pirelli. Como é conhecido, foi levado aos seis anos a um hospital colônia. “Quando eu recebia a visita dos meus pais, eles não tinham o direito de tocar em minhas mãos, havia sempre uma barreira de vidro”, lembro. Afirmou ainda que a pior

sequela causada pela doença é o preconceito. E disse que seu sonho de ingressar no exército foi frustrado por causa da discriminação<sup>54</sup>.

Mas ao procurar falar com senhor Pirelli, em sua residência encontrei um homem desfigurado, entristecido por mais uma vez ter sido discriminado. Sem muitas palavras por não estar em condições emocionais falou pouco, o que não é costumeiro. Foi impedido de votar nas eleições Presidenciais pela Juíza Eleitoral da comarca de Redenção. A Juíza não permitia que ninguém o acompanhasse até urna eletrônica por não ter condições de votar sozinho. No entendimento da Juíza ele não tinha visão nem impressão digital, portanto estava impossibilitado de votar. Essa atitude transpareceu um ato de preconceito e discriminação para com o senhor Pirelli. Lamentava por ter sido excluído, pois tinha Já em mãos a cartilha do mesário e conhecia o seu direito de votar. Sabia que essa cartilha assegurava o direito do eleitor com deficiência ou mobilidade, ter um guia de sua confiança para acompanhá-lo, inclusive votar.

No dia do meu aniversário, fui impedido de votar, o mundo acabou. Jamais vou esquecer está data. Não tenho condições de falar, não sou acreditado pelas autoridades. Quis tanto votar e um ato de preconceito me venceu. Falta de conhecimento da Juíza, não. Tenho em minhas mãos a cartilha do mesário eleitoral, na página 16, dizendo que tenho o direito levar para a cabine da urna alguém de minha confiança, mas ela foi ir redutiva. O MORHAN é um mecanismo de alta ajuda aos profissionais da saúde, que muito contribuiu no combate ao preconceito e o estigma. Hoje estou mais uma vez mutilado. Apesar

---

<sup>54</sup> [http://www.morhan.org.br/views/upload/jornal\\_45.pdf](http://www.morhan.org.br/views/upload/jornal_45.pdf).



de tantas lutas, dói muito, ainda vê nos dias atuais o preconceito e a discriminação com que somos tratados<sup>55</sup>.

A cartilha mencionada pelo Pirelli é um manual do mesário, da justiça eleitoral de 2014. De acordo com este manual, na pagina dezesseis está assegurado os direitos “de eleitor com deficiência ou com mobilidade reduzida” podendo ser guiado por alguém de sua extrema confiança, até a urna eleitoral. Podendo ainda, votar pelo seu eleitor. Tratando ainda do mesmo direito do eleitor com deficiência ou mobilidade reduzida, na “cartilha acessibilidade nas eleições” na pagina 19. Mesmo que a solicitação não tenha sido feita ao Juiz Eleitoral com antecipação, o Presidente da Mesa Receptora de votos tem autonomia, para dar a permissão. Depois constará na Ata. O que deve prevalecer é a vontade do eleitor.

Comparecimento de eleitor com deficiência ou com mobilidade reduzida. Verificar se é imprescindível, para o exercício do voto, que o eleitor conte com o auxílio de pessoa da sua confiança. Em caso afirmativo, permitir o ingresso de seu acompanhante, que poderá, inclusive, digitar os números no terminal do eleitor. A pessoa que ajudará o eleitor a votar não poderá estar a serviço da justiça eleitoral, de partido político ou coligação. Esta ocorrência deve constar em ata<sup>56</sup>.

---

<sup>55</sup> José Arimateia Costa. Conhecido como Pirelli. É um agente e também um paciente atendido por este mesmo movimento.

<sup>56</sup> Manual do Mesário, 2015 p16. A cartilha Acessibilidade nas eleições na p 19 dispõe o mesmo direito. O voto do eleitor com deficiência ou mobilidade reduzida.



(Fonte: elaborado pela autora). Foto de José Otaviano de Sousa.

Esta imagem mostra o mais antigo morador do Cento de Convivência Antônio Diogo com 87 anos. José Otaviano de Sousa perdeu a visão, mas a memória continua lúcida. Segundo o Guilherme, seu Otaviano lembra perfeitamente como veio para na colônia. “Alguém escreveu para o pai dele que já vivia na colônia, Francisco Otaviano de Sousa, contando, o Otaviano estava tocado da doença, e foi assim que ele chegou e permanece até hoje”. Provavelmente se os governantes não ajudarem ao MORHAN, na eliminação da hanseníase, a situação pode se agravar, chegando até os casos extremos de mutilação como é visto na imagem acima. Segundo o coordenador do MORHAN Nacional, a hanseníase esta diretamente ligada à pobreza, e os descasos com a sociedade. Uma população extremamente pobre não tem acesso adequado à moradia, saneamento básico, a informação, e a saúde. O aumento da hanseníase se da pelo descompromisso do Governo, com o usuário e a população em geral.

(...) A hanseníase é uma doença ligada à pobreza, a falta de qualidade de vida da população e ao não atendimento as necessidades básicas como saneamento, saúde, educação e informação. O Brasil deixou de fazer seu dever de casa há 15, 20 anos atrás. Agora, o país é líder mundial na prevalência da doença. São cerca de 50 mil casos por ano, e um a cada 12 minutos. O governo brasileiro assinou

em 1991 um termo de compromisso mundial pela eliminação da doença até 2000, mas isso não foi cumprido afirmou <sup>57</sup>.

## CONCLUSÃO

. Desde o antigo testamento da Bíblia sagrada, foi construída uma imagem de medo e terror a respeito da doença. A Bíblia fala da doença como impureza, castigo ou punição dos pecados e o sacerdote fazia a classificação das pessoas de acordo com seu entendimento religioso. Esse fato parecesse justificar o envolvimento da igreja, das irmãs superiores, para ajudar na recuperação dos doentes, na alimentação, e nos cuidados de modo geral aos doentes de hanseníase. Mas ao mesmo tempo esse discurso religião se contradiz, pois mesmo doentes tinham que trabalharem para sobreviverem. No educandário muitas crianças, eram maltratadas por algumas

---

<sup>57</sup> Jornal do MORHAN Fev 2008/Dez 2008 ano XXVI nº 47

irmãs Cruéis, é o que relata o Guilherme. “Juntava a dor por conta da falta da família com a fome. Os pênis das crianças eram amarrados, pelas irmãs, para não urinar a noite enquanto dormiam”.<sup>58</sup>

A sociedade não admitia conviver no mesmo espaço com os hansenianos, a aparência fora do padrão da normalidade incomodava, a ponto de criar símbolos como o chocalho, para anunciar a aproximação de algum doente. Os jornais divulgavam o tempo todo, o perigo, que os hansenianos representavam para a sociedade, e pressionava os governantes para construir um local, afastado da cidade, para isolar os hansenianos. Neste sentido, destacaram-se as contribuições de Foucault (1997) e Goffman (1988) que ao analisarem, respectivamente, a sociedade dentro dos padrões de normalidade, o cotidiano e o papel das instituições fechadas, oferecem parâmetros para as possíveis articulações entre o preconceito, o estigma e o isolamento compulsório, sob a perspectiva sociológica.

A colônia Cristina acolheu pessoas de vários locais, eram apanhadas nas ferrovias e levadas às irmãs. E sem conhecerem ninguém, tornavam-se solidários a dor e o sofrimento. O mesmo sofrimento despertou a vontade de lutar por seus direitos é o caso de Bacurau, Pirelli e tantos outros. Através do Bacurau um movimento tão grande como o MORHAN foi criado.

A pesquisa mostra dois grandes momentos históricos ligados à hanseníase. Refiro-me a duas políticas partidárias. Trata-se de dois Presidentes Getúlio Vargas e o Luiz Inácio Lula da Silva. A lei federal 610 de 13 de janeiro de 1949, aprovada no Governo de Getúlio Vargas, causou estragos irreparáveis. Somente em 1980, essa lei deixou de funcionar. Por meio desta lei qualquer pessoa que tivesse algum sinal fora do padrão da normalidade seria submetida ao isolamento compulsório. Esta mesma lei servia também para separar os filhos de hansenianos logo ao nascer.

---

<sup>58</sup> Informação dita por Guilherme e a acrescenta, as irmãs hoje não maltrata ninguém, trata todo mundo com amor.

Essas crianças não nasciam doentes, nasciam fracas por consequência do martírio dos Pais é o que afirma também o jornal o povo. “Filhas de Paes doentes, essas crianças não herdam a lepra, é verdade, mas nascem fracas. Herdam a tristeza do casal martirizado<sup>59</sup>”.

No ano de 2007, na gestão do ex Presidente Lula, outra lei entra em vigor. A lei 11.520 de 18 de setembro, de 2007 garantiu uma pensão de R\$ 750,00, as pessoas que sofreram o isolamento compulsório. É uma tentativa de corrigir os erros cometidos pelo Estado. Esta conquista é resultado da luta do MORHAN. O trabalho de reconhecimento deles, não é algo fácil, pois muitas pessoas ao saírem do Centro de Convivência mudavam seus nomes, ou até seu lugar de origem, era uma perda de identidade total. Essa era uma tentativa de ser inseridos na sociedade. Essa identidade deteriorada segundo o Goffman em algum momento sofrerá as causas e consequências é o que constatamos está acontecendo neste momento de difícil identificação de quem tem direito ou não a pensão.

Quando normais e estigmatizados realmente se encontram na presença imediata uns dos outros, especialmente quando tentam manter uma conversação, ocorre uma das cenas fundamentais da sociologia porque, em muitos casos, esses momentos serão aqueles em que ambos os lados enfrentarão diretamente as causas e efeitos do estigma<sup>60</sup>.

Uma lei surgiu para isolar, separam crianças de seus Pais hansenianos, a outra veio para tentar corrigir ou recompensar aqueles que foram obrigados ao isolamento compulsório. Essa conquista da pensão vitalícia não elimina as lembranças da dor e da exclusão. Ainda hoje, são discriminados, não tanto a ponto de usar a simbologia do chocalho, mas o passado histórico da doença continua no presente.

---

<sup>59</sup> Esta notícia faz parte da coleção do museu do centro de convivência Antonio Diogo. Jornal O Povo.

<sup>60</sup> Goffman. Estigma, p.15

A vivência com os internos e ex-internos, foi suficiente para compreender que o preconceito e o estigma ainda existem, não somente pelos desenformados, mas também pelos esclarecidos. Nas entrevistas com os agentes do MORHAN e com as pessoas atendidas por este mesmo movimento, constateei grandes lutas e vitórias. O senhor Pirelli, um dos entrevistados, destaca as conquistas do MORHAN, e lamenta que a falta de apoio do poder público, que não acreditam no potencial deles. Também lamenta ter sido impedido de votar nessa eleição presidencial de 2014. Muito ofendido sentiu-se discriminado e excluído do processo eleitoral.

Destaco como fundamental importância nesta pesquisa, o livro da historiadora Zilda Lima. Por meio desse material analisei parte da história da hanseníase. No seu livro, Lima cita que foi impedida de fazer análise documental no “arquivo público do Ceará e o arquivo público Nacional, por motivo de força maior”...<sup>61</sup> (p 17).

Eu também procurei o arquivo público para fazer a análise de jornais da época de 1920 em diante, mas não consegui entrar, preenchi inclusive um cadastro, com as datas que eu desejava pesquisar. O funcionário (Seu Ribamar) falou comigo na entrada, não me permitiu entrar, dizendo que os jornais estavam misturados, precisava separar e ele quando fizesse isto me avisaria, pois o cadastro que preenchi tinha todas as informações sobre min. Por varias vezes tentei sem sucesso o arquivo Publico do Ceará.

O livro *uma enfermidade à flor da pele: A lepra em Fortaleza (1920-1937)* da Zilda Lima enriqueceu de informações esta pesquisa. Apresenta a doença desde o contexto bíblico, onde a doença foi interpretada por sacerdotes e, portanto, sofreu muitas interpretações religiosas. Desde

---

<sup>61</sup> LIMA, em seu livro, *Uma enfermidade à flor da pele: A lepra em Fortaleza (1920-1937)* Ela relata a dificuldade de não ter conseguido entrar no Arquivo Público do Ceará, p17. Eu fui também ao arquivo e não me permitiram entrar, alegando os jornais estarem todos misturados, e que depois ligasse para saber se já estavam separados. Por várias vezes liguei, fui pessoalmente, mas as tentativas foram sem sucesso.

doença das pessoas impurezas, das pecadoras, causas das magias ou sobrenaturais. Também aponta alguns agentes transmissores da doença como a mosca, ácaros, e finalmente, a descoberta do bacilo de Hansen, enfim todas as formas possíveis de falar da hanseníase. O livro destaca também o papel político na decisão do destino final dos hansenianos que mendigavam nas ruas de Fortaleza. O capitalista Antônio Diogo foi o grande marco na construção e continuidade do leprosário na colônia Cristina, essas informações estão neste livro. Constatei a veracidade desses dados por meio das minhas próprias pesquisas no Centro de Convivência Antônio Diogo.

Após analisar a história da hanseníase pelo Brasil, no Ceará e finalmente no Centro de convivência Antônio Diogo, foi possível perceber o processo que precedeu o estigma gerador do preconceito, da exclusão, o causador do isolamento e da punição. O preconceito era o mesmo em todos os lugares. Apesar da doença de Hansen ser a mais antiga, e estar na *Bíblia Sagrada*, no antigo testamento em levítico, isto não possibilitou encontrar a origem do estigma nas escrituras sagradas. Os sacerdotes falavam da doença sem base científica, apenas pela crença. Continuei pesquisando os livros e também, nos trabalhos de campos, vi que o estigma está presente tanto dentro quanto fora do centro de Convivência Antônio Diogo, mas também não foi possível saber ao certo a sua origem.

#### FONTES ORAIS

Antonio Guilherme de Matos. Entrevista concedida a Vera Lucia Fernandes Carlos em Outubro de 2014.

José Arimateia Costa ( Pireli). Entrevista concedida a Vera Lucia Fernandes Carlos em Outubro de 2014.

Maria de Fátima Figueiras Nerys. Entrevista concedida a Vera Lucia Fernandes Carlos em Outubro de 2014.

Paulo Marcello Rabello Franco. Entrevista concedida a Vera Lucia Fernandes Carlos em Setembro de 2014

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALENCAR, Maria Olga de. 'A mancha visível e o nervo sentido'- Representação social da hanseníase para agentes comunitários de saúde de municípios do norte e nordeste do Brasil. *Dissertação (Mestrado)-Universidade Federal do Ceará pró-reitoria de pesquisa e pós-graduação- faculdade de medicina e mestrado em saúde pública*. Disponível online: <http://www.saudepublica.ufc.br/imagens/uploads/dissertacoes/ac2a5d892dbd455ed234768c51fb9b05.pdf>

BÍBLIA SAGRADA. Editora santuário. Antigo testamento, Levítico cap13, 20-23.

CASTEL, Robert. Metamorfose da questão social. Petrópolis, editora vozes 1995.

CUNHA, Vivian da Silva. <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v17n4/06.pdf>

Cartilha acessibilidade nas eleições./Tribunal Regional do Ceará. Fortaleza: TER-CE, 2014.

EIDT, Letícia Maria. Breve história da hanseníase: sua expansão do mundo para as Américas, o Brasil e o Rio Grande do Sul e sua trajetória na saúde pública brasileira. *Trajectory in the Brazilian Public Health. Saúde e Sociedade v.13, n.2, p.76-88, maio-ago 2004*. Disponível <<http://www.ceads.org.br/0/Breve-historia-da-hanseníase.pdf>>

Estigmas da dor. Diário do Nordeste. Fortaleza. Ceará. 19 de Agosto de 2014.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Capítulo III: Panóptico. 36ª ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

GARDRA JUNIOR, Domingos da Silva. A Lepra: Uma introdução ao estudo do fenômeno social da estigmatização. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1979. Tese de Doutorado. In: LIMA. Zilda Maria Menezes. Uma Enfermidade à flor da Pele. A lepra em Fortaleza (1920-1937)



GOFFMAN, Erving. *Estigma*. 4.ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988; GOFFMAN, E. *Manicômios, prisões e conventos*

GONDIM, Linda Maria Pontes. O projeto de pesquisa no contexto do processo de construção do conhecimento. In: *Pesquisa em ciências sociais: o projeto da dissertação de mestrado*. Fortaleza: UFC, 1999

GOFFMAN, Erving. *Estigma- notas sobre manipulação da identidade deteriorada*. 1891.

KUNZE, Nádia Cuiabano. Resenha do livro: GOFFMAN, Erving. *Manicômios, Prisões e Conventos*. Tradução de Dante Moreira Leite. 7ª edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001. Centro Federal de Educação Tecnológica de Mato Grosso – CEFETMT. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.33, p.289-294, mar.2009 - ISSN: 1676-2584. Disponível em < [http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/33/res01\\_33.pdf](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/33/res01_33.pdf)>

LIMA, Zilda Maria Menezes. **Uma enfermidade à flor da pele: a lepra em Fortaleza (1920-1973)**. Fortaleza: Museu do Ceará: Secult, 2009.

MOSCOVICI, S. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Rio de Janeiro, Vozes, 20 MINAYO, Cecilia de Souza (org). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. 29ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010

QUIVY, Raymond. A pergunta de partida. In: *Manual de investigação em Ciências Sociais*. Portugal: Gradiva, 2005. (p.31 – 46)

SANTOS, Luiz Antonio de Castro. FARIA, Lina. MENEZES, Ricardo Fernandes de. Contrapontos da história da hanseníase no Brasil: cenários de estigma e confinamento. *Revista Brasileira de Estudos de População*. São Paulo, v. 25, n. 1, p. 167-190, jan./jun. 2008. Disponível on-line: <http://www.scielo.br/pdf/rbepop/v25n1/v25n1a10.pdf>

MOSCOVICI, S. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Rio de Janeiro, Vozes, 2003.

Morhan conquista avanços na luta pela indenização dos filhos separados dos pais durante o isolamento compulsório dos pacientes com hanseníase *Jornal do Movimento de Reintegração das*

Pessoas Atingidas pela Hanseníase Janeiro a Junho 2013. Ano XXIII • Nº 55. Disponível em <  
<http://www.morhan.org.br/views/upload/jorn55mor.pdf>>

Morhan, Vamos juntos eliminar a hanseníase Disponível <  
[http://www.morhan.org.br/views/upload/jornal\\_45.pdf](http://www.morhan.org.br/views/upload/jornal_45.pdf)>

Bacurau. A luta de um homem por DIGNIDADE e um mundo mais justo! Disponível  
<[www.casadebacurau.org](http://www.casadebacurau.org)>

## **Anexos**

Autorização para utilização de depoimentos orais.

  
**UNILAB**  
 Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

**Bacharelado em Humanidades  
 Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)**

**AUTORIZAÇÃO DE DEPOIMENTO ORAL**

Pelo presente documento, eu Entrevistado (a)  
Antonio Guilherme de matos  
 RG: 93329 85 emitido pelo (a) SSP, domiciliado / residente  
 em (Av./Rua/nº/complemento/Cidade/Estado/CEP): Rua stº joabel  
no 09 cep 62790000

Declaro ceder ao (à) Pesquisador (a):  
Vera Lucia Fernandes Carlos  
 CPF: 442406 603-78 RG: 2004024026976, emitido pelo  
 (a): SSP, domiciliado / residente em (Avenida/Rua/nº/complemento/Cidade/  
 Estado/CEP): Rua Santa Rita 206A, Redenção -  
Ceará cep 62790-000

\_\_\_\_\_, sem quaisquer restrições quanto  
 aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos  
 autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao(à)  
 pesquisador(a)/entrevistador(a) aqui referido(a), na cidade de Redenção,  
 Estado CE, em 10/10/2014 como subsidio à construção do Trabalho de  
 Conclusão de Curso (TCC), no Curso Bacharelado em Humanidades da  
 Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. O (a)  
 pesquisador (a) acima citado (a) fica conseqüentemente autorizado (a) a utilizar,  
 divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento, no  
 todo ou em parte, editado ou não, com a única ressalva de garantia da integridade de  
 seu conteúdo e identificação de fonte e autor.

Local e Data:  
Redenção, 10 de Outubro de 2014  
Antonio Guilherme de matos  
 (assinatura do entrevistado/depoente)





Bacharelado em Humanidades  
Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)

AUTORIZAÇÃO DE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu Entrevistado (a)

Julio Marcelo P. Soares

RG 98002640238 emitido pelo (a) SSP domiciliado / residente  
em (Av./Rua/nº/complemento/Cidade/Estado/CEP): Estado do Espírito  
S/n - Tazenda Crato CEP 62790-000

Declaro ceder ao (à) Pesquisador (a):

Vera Lucia Fernandes Santos

CPF 442.406.603-78 RG: 2004024026976 emitido pelo  
(a) SSP domiciliado / residente em (Avenida/Rua/nº/complemento/Cidade/  
Estado/CEP): Rua Santa Rita 206A, Redenção - Ce-  
ará CEP 62790-000

sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao(a) pesquisador(a)/entrevistador(a) aqui referido(a), na cidade de Redenção Estado CE em 13/09/2014 como subsídio à construção do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), no Curso Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. O (a) pesquisador (a) acima citado (a) fica conseqüentemente autorizado (a) a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, com a única ressalva de garantia da integridade de seu conteúdo e identificação de fonte e autor.

Local e Data:

Redenção 13 de Setembro de 2014

(assinatura do entrevistado/depoente)





Bacharelado em Humanidades  
Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)

AUTORIZAÇÃO DE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu Entrevistado (a)

Marina de Fátima Felgueiras Nery

RG 1038139-86 emitido pelo (a) SSP domiciliado / residente

em (Av./Rua/nº/complemento/Cidade/Estado/CEP): Rua São Isabel

Casa 03.

Declaro ceder ao (à) Pesquisador (a):

Yenir Lucia Ferrnandes Pontes

CPF 442406-603-78 RG 2004024026976 emitido pelo

(a) SSP domiciliado / residente em (Avenida/Rua/nº/complemento/Cidade/

Estado/CEP): Rua Santa Rita 206 A. Redenção-

Ceará CEP 62790-000

sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao(a) pesquisador(a)/entrevistador(a) aqui referido(a), na cidade de Redenção Estado CE em 10/10/2014 como subsídio à construção do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), no Curso Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. O (a) pesquisador (a) acima citado (a) fica conseqüentemente autorizado (a) a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, com a única ressalva de garantia da integridade de seu conteúdo e identificação de fonte e autor.

Local e Data:

Redenção 10 de Outubro de 2014

Marina de Fátima Felgueiras Nery

(assinatura do entrevistado/depoente)



Bacharelado em Humanidades  
Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)

AUTORIZAÇÃO DE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu Entrevistado (a)

João Armateia Costa  
RG: 97002083879 emitido pelo (a) SSP-CE, domiciliado / residente em (Av./Rua/nº./complemento/Cidade/Estado/CEP): Rua Simão Gomes, nº 35 Conjunto Novo Ant. Diogo Reden  
qda Ceana 62790-000

Declaro ceder ao (à) Pesquisador (a):

Vera Lucia Fernandes Carlos  
CPF: 449.406.603-78 RG: 2004024026976, emitido pelo (a) SSP, domiciliado / residente em (Avenida/Rua/nº./complemento/Cidade/Estado/CEP): Rua Santa Rita 206A, Redenção - Ceana, CEP 62790-000

\_\_\_\_\_, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao(à) pesquisador(a)/entrevistador(a) aqui referido(a), na cidade de Redenção, Estado CE, em 10/10/2014 como subsídio à construção do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), no Curso Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. O (a) pesquisador (a) acima citado (a) fica conseqüentemente autorizado (a) a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, com a única ressalva de garantia da integridade de seu conteúdo e identificação de fonte e autor.

Local e Data:

Redenção, 10 de outubro de 2014

(assinatura do entrevistado/depoente)